

A SUBLIMAÇÃO: O CONCEITO FREUDIANO E O SEMINÁRIO VII*

THE SUBLIMATION: THE FREUDIAN CONCEPT AND THE SEMINAR VII

João Vitor dos Santos¹

Resumo: Com o intuito de oferecer referências teóricas para a prática clínica e para discussões filosóficas e políticas, espera-se explorar as bases e os limites do conceito de sublimação nos textos freudianos e no seminário VII de Jacques Lacan. A metodologia que foi utilizada é a pesquisa bibliográfica. Os resultados apresentam que qualquer apreciação do conceito de sublimação na teoria psicanalítica significa um exame dos pressupostos psicológicos mais básicos de cada autor e que a utilização desta noção na prática clínica exigirá uma construção singular entre o termo e a história do analisando.

Palavras-chave: Psicanálise. Sublimação. Clínica. Lacan.

Abstract: Willing to offer theoretical reference to the clinical practices and to philosophical and political debate, we expect to explore the basis and the limits of the meaning of the sublimation concept in the Freudian texts and in the Jacques Lacan's seminar VII. The methodology used in this investigation was the bibliographic research. The results have shown that any attempt to understand the sublimation concept in the psychoanalytical theory requires an exhaustive analysis of the most basics psychological presuppositions of each author and the usability of the concept in the clinical work will be something that needs to be performed in a particular way with each different patient.

Keywords: Psychoanalysis. Sublimation. Clinic. Lacan.

¹ Psicanalista, psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
E-mail: jvpsicanalista@gmail.com

* Os estudos apresentados neste artigo são derivados de uma pesquisa desenvolvida durante todo o ano de 2015. Esta pesquisa foi orientada pelo Doutor Sibélius Cefas Pereira e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) por meio de uma bolsa de estudos dedicada à Iniciação Científica (PROBIC-PUC Minas).

“É desse início de miséria que se articula em termos freudianos toda a dialética da experiência, se quisermos respeitar os textos fundamentais.” (LACAN, 2008, p. 167).

A SUBLIMAÇÃO FREUDIANA

Um dos preceitos mais importantes da ciência psicanalítica é a sua concepção de sexualidade examinada mediante a categoria metapsicológica das pulsões, sendo tão importante quanto a concepção de inconsciente, já que sem a elaboração de um desses conceitos a particularidade de seu discurso se desfaria. Entretanto, a concepção de sexualidade proposta pela psicanálise gera diversas controvérsias, principalmente devido ao fato de ela considerar uma grande gama de fatores como provenientes da sexualidade humana, como, por exemplo, a amizade, o ciúme, a arte... E a sublimação é o termo que geralmente nomeia a ponte entre a sexualidade e as produções culturais. Após divergências

com alguns de seus principais seguidores¹ (Jung e Adler), justamente pelos seus questionamentos sobre as teorias psicanalíticas da sexualidade, Freud empenha-se em produzir um legado e um aprofundamento dos principais pontos de sua teoria por meio de um conjunto de artigos que se chamariam “*Preliminares a uma metapsicologia*” (GARCIA-ROZA, 2011). Dentre os artigos encontrar-se-ia um que supostamente seria dedicado ao conceito de sublimação, e embora o termo seja utilizado diversas vezes ao longo de sua obra, o artigo, juntamente com cinco outros, foi perdido ou destruído pelo próprio Freud.

Segundo Kaufman (1996), Sigmund Freud usa o termo de origem latina *Sublimierung*, que carrega a conotação de elevar ou ascender, ao invés do termo de origem alemã que poderia ter sido usado neste caso, *Alfhebung*, que designa na filosofia hegeliana o poder que tem o espírito de transformar o negativo em ser, isto é, de colocar a dialética em movimento. Na alquimia, em que o termo adquiriu valor, sublimar caracterizava a mutação do estado sólido para o gasoso sem a passagem pelo estado líquido como intermediário. Esta operação era considerada como uma maneira de purificar o material sublimado, livrando-o de suas heterogeneidades e por isso era um processo empregado na busca da obtenção de uma pedra filosofal, além de outros intentos alquímicos. Foi por esse importante papel purificador na alquimia que mais tarde o termo sofreu a transposição para o campo da moral com os poetas e escritores (KAUFMAN, 1996).

A UTILIZAÇÃO DO CONCEITO

A despeito do desaparecimento do artigo, o conceito de sublimação foi utilizado durante todo o percurso freudiano com algumas mudanças em seu significado ao longo dos anos. No texto *As pulsões e seus destinos*², Freud (1915) faz uma pequena referência ao conceito de sublimação, postulando que as pulsões sexuais possuem uma grande plasticidade, sendo capazes de obter satisfação de maneiras distantes de seus objetivos originais, e que o sublimar consistiria justamente na troca de uma satisfação sexual por uma não sexual. Em outro de seus trabalhos, no qual o termo é utilizado algumas vezes, *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, Freud (1910) designa, pela sublimação, a ligação existente entre deuses e ritos com os órgãos sexuais e o sexo em diversas religiões primevas. E, no mesmo texto, Freud aponta que o mais raro e perfeito dos três destinos possíveis do “instinto” de pesquisa, que seria decorrente da curiosidade e das teorias infantis sobre o sexo, ocorreria quando a libido fosse sublimada em ânsia de saber, isto é, a pesquisa intelectual proporcionaria satisfação “sexual” com a ausência de sofrimento neurótico dos complexos infantis, configurando um processo sublime.

Quatro anos depois, em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914) diferencia os processos referentes ao sublimar e ao idealizar, lembrando que a elevação das qualidades do objeto ou uma autocrítica rígida com o “Eu” não devem ser confundidas com a sublimação das pulsões sexuais. Ele ainda faz a ressalva de que a formação de um ideal elevado favorece a repressão e, conseqüentemente, o adoecimento neurótico, enquanto a sublimação é uma saída saudável para as exigências intrapsíquicas. Nos textos: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (o homem dos ratos)* (1909), *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910), *Cinco lições de psicanálise* (1910), *Observações*

psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (o caso Schreber) (1911), *Recomendações ao médico que pratica psicanálise* (1912), *Princípios básicos da psicanálise* (1913), e *História de uma neurose infantil (o homem dos lobos)* (1918), para citar apenas alguns exemplos, S. Freud faz uso constante do conceito de sublimação. Nesses trabalhos a aplicação do termo aparentemente se refere à transformação de impulsos sexuais em objetivos não sexuais, enfatizando algumas vezes a necessidade da valoração social e de premiações, como, por exemplo, a admiração propiciada aos artistas e intelectuais aclamados. Entretanto, em nenhum dos textos há um aprofundamento do conceito ou mesmo uma discussão a respeito de seus limites.

Nas *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud (1916-1917) apresenta o ato de sublimar as pulsões sexuais como a condição de constituição da civilização, isto é, ao renunciar metas sexuais originais, o homem emprega suas energias em metas socialmente mais elevadas. Entretanto, esta configuração seria precária, pois ao homem sempre lhe assombraria a possibilidade de não ser capaz de sublimar suas pulsões e a sociedade não avaliaria perigo maior que o retorno do homem ao seu estado pré-civilizatório, estado em que este supostamente ainda não sacrificou suas satisfações pessoais em prol do grupo. Na teoria psicanalítica freudiana o adoecimento acontece por causa da impossibilidade de satisfação sexual, justamente aquela que necessita ser sacrificada em nome da cultura. Sendo assim, a sublimação para Freud não é somente uma forma rara de satisfação que impede o adoecimento e contribui para o enriquecimento cultural, mas é também um dos mecanismos formadores do cerne da civilização, talvez o principal deles.

No texto *O eu e o isso*, Freud (1923) cita em alguns momentos a sublimação e fornece breves descrições de prováveis mecanismos de seu funcionamento. Ele sugere que a sublimação ocorre por intermédio do Eu, ou seja, a libido é desinvestida dos objetos e redirecionada ao próprio Eu, e após este investimento narcísico é novamente redirecionada aos objetos, porém, com outras metas. Nessa acepção, o caminho libidinal que conduz à sublimação depende de uma dessexualização das metas propiciadoras de satisfação, que acontece quando se abandona o investimento nos objetos, e um forte investimento narcísico, que provavelmente já remete aos futuros prazeres que serão obtidos a partir da confecção de objetos de criação autoral. Constituem exemplo disto, o artista e a satisfação obtida pela admiração de suas obras, atividade avaliada por Freud como o grande exemplo de satisfação sublimada. Ele estabelece esta descrição do sublimar no decurso de uma discussão sobre a possível absorção que o Eu faz de características de objetos que foram libidinalmente investidos, mas necessitam ser abandonados, algo que conservaria relações com a pulsão oral e seu desenvolvimento, o totemismo e o canibalismo. No mesmo texto ele ainda indica que até mesmo os processos de pensamento, no mais amplo sentido, podem ser contemplados como providos da sublimação das forças eróticas.

Na obra *Mal-estar na civilização*, Freud (1930), ao comentar sobre a sublimação, apenas pronuncia que no futuro será possível caracterizá-la metapsicologicamente. E em seus últimos anos de vida, em *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933), ele apenas, sutilmente, adiciona uma pequena distinção em seu conceito de sublimação, definindo-o como uma mudança de objeto, além da usual mudança de meta. As definições freudianas sobre o que consiste o processo de sublimação são escassas e problemáticas, principalmente no que concerne à sua necessidade de defender determinada concepção moral como se esta fosse natural ou a única constitutiva da sociedade para

qualquer plausibilidade na compreensão deste mecanismo. Ou seja, apreender a sublimação como uma satisfação obtida unicamente por meio da aprovação social implica depositar no sujeito a necessidade de aceitação dos ditames sociais, como se questioná-los significasse um atentado à civilização.

Este pequeno recorte da obra freudiana projeta uma série de complexas questões, algumas que, inclusive, solapam teorias psicanalíticas. Dentre elas: se a pulsão é aquilo que designa a ausência do objeto propício à satisfação, qual critério fornece a diferença qualitativa entre as diferentes satisfações? Ou seja, seria possível estabelecer uma hierarquia de objetos favoráveis à satisfação em escala de “mais elevados” (arte, religião, ciência...) e “mais baixos” (o coito)? Se a resposta for afirmativa, surge uma contradição entre uma possível objetividade e naturalidade na sexualidade humana em contraste com a premissa psicanalítica de uma sexualidade perverso-polimorfa infantil genitiva da adulta. Porém, se a resposta for negativa, novamente retornamos à questão sobre o que constitui o ato de sublimar. Outra questão surge se pensarmos qual atividade proporciona mais satisfação (as “elevadas” ou as “baixas”), considerando que a pulsão jamais é satisfeita totalmente, não possui objeto predeterminado e que sempre, entre o impulso e o objeto, existe a fantasia.

A SUBLIMAÇÃO LACANIANA NO SEMINÁRIO VII

O *Seminário livro 7* (1959-1960) se empenha em uma discussão sobre a ética da psicanálise e um de seus capítulos é dedicado ao “problema da sublimação”, título do referido capítulo. É preciso enfatizar que este seminário se encontra em um dos momentos de mudança drástica no ensino de Lacan, localizando-se contiguamente com a invenção do “objeto *a*” e do texto “*Kant com Sade*”, que foi publicado posteriormente no seu livro *Escritos*. O termo de referência para a compreensão de Lacan sobre a definição metapsicológica da sublimação neste momento, compreensão que pretende resolver ou pelo menos esclarecer os problemas inevitáveis das definições freudianas, é “*das Ding*”. Lacan (2008) utiliza o termo alemão “*Ding*” (Coisa) para melhor trabalhar a diferença entre princípio do prazer, princípio de realidade e o que mais pode se encontrar além desta suposta dicotomia no pensamento de Sigmund Freud, desde que a língua alemã diferencia “*das Ding*” e “*die Sache*” quando designa as coisas, diferente do francês e do português que dispõem somente de “*chose*” e “*coisa*” respectivamente.

O PROJETO E A COISA

No campo de seu desenvolvimento teórico, Lacan (2008) define a *Sache* (coisa) como aquilo que é produto do ofício humano, de sua indústria enquanto governada pela linguagem, representações-coisas (*Sache*) que se fundem às representações-palavras (*Wort*), tornando-se aptas a serem capturadas pela consciência. Poder-se-ia dizer que pertenceriam ao pré-consciente da primeira tópica freudiana. O conceito de Coisa (*Ding*) é desenvolvido de várias formas pelo comentário de diferentes textos por Lacan, e um dos textos mais reportados é o *Entwurf einer Psychologie* (Projeto de uma psicologia), de 1895, escrito pelo criador da psicanálise. Portanto, apesar de jamais publicado em vida, o texto foi escrito antes da consolidação da teoria psicanalítica.

O propósito daquele texto é fornecer uma psicologia científica e naturalista, o que significa pensar os processos psíquicos como provenientes do efeito de quantidades determináveis de partes materiais especificáveis de forma

ARTIGO

intuitiva e livre de contradição, além de submetidos às leis da física da época (FREUD, 1895). Assim, como aponta Gabbi Jr. (2003), esta obra é também inspirada na filosofia de John Stuart Mill, pois possui como um de seus alicerces leis de associação e de busca e fuga de prazer e desprazer. Este “projeto” de 1895 concebe o aparelho psíquico como constituído por neurônios que estão submetidos às quantidades de variação de trabalho e repouso, e, por conseguinte, à lei geral do movimento. Freud (1895) descreve que a partir de certo limiar de tensão no interior do aparelho, causado pelas exigências endógenas do corpo, um bebê tentará diminuir o desprazer mediante a inervação motora (movimentação e grito). Entretanto, as exigências do organismo só cessam diante de uma ação específica, que, no caso do homem, necessita da intervenção de um outro que, por exemplo, o alimenta. Por esta via, o grito do *infans* deixa de ser um meio de dispêndio de excesso de tensão para se tornar uma demanda ao Outro prestativo. Portanto, a vivência de satisfação encerra pelo menos três momentos identificáveis: o aparecimento do estado de desprazer originário do aumento de tensão, a percepção do objeto oferecido pelo Outro e a interrupção ou diminuição da força da exigência orgânica (GABBI JR., 2003).

A totalidade do circuito engendrado pela vivência de satisfação forma um caminho preferencial de eliminação de quantidades desprazerosas, neste momento da construção teórica, o desejo. Portanto, o *resto* da vivência de satisfação primordial funda um estado desiderativo que aspira investir os traços deixados no aparelho psíquico pelo objeto, mas, que ao mesmo tempo, inibe tal investimento. Tal objeto não poderia ser totalmente alucinado, e imprescindivelmente requereria uma identidade entre a marca do objeto e alguma realidade do mundo externo. Nesse ponto é patente uma das radicalidades das bases do pensamento psicanalítico, pois, como aponta Freud (1895) em seu Projeto, o pensamento seria apenas um processo que tem início, fim e finalidade, somente enquanto perdura a dessemelhança entre o objeto de desejo e o objeto percebido. A *Ding* é formulada, neste momento, como um núcleo imutável do eu, uma constância que existe nos processos perceptivos que permite opor a coisa a qualquer predicado possível, constituindo assim o ato de julgar.

A COISA E A SUBLIMAÇÃO

Como definirá Lacan (2008), a *Ding* é o elemento que será excluído da experiência da relação com o Outro (*Nebenmensch*). O complexo constituinte do objeto está dividido em duas partes: de um lado, todos os atributos e qualidades que podem ser integrados ao objeto e que ingressarão no jogo do princípio do prazer, constituindo os complexos representacionais mais primitivos do sujeito; do outro lado se encontra a *Ding*, alheia. Esta Coisa capturada no Outro primordial é o que oferecerá as coordenadas alucinatórias ao princípio do prazer para que este reencontre objetos que disponham da capacidade de produzir satisfação a um sujeito por se remeterem ao índice do objeto sempre ausente (LACAN, 2008). Esta não-representação *Ding* funciona como um núcleo excluído do interior do aparelho psíquico em torno do qual as representações e a memória “giram”, restando ao princípio do prazer mediar a “boa” distância com este núcleo, o que resulta nos rodeios e repetições da busca por satisfação. Interessante destacar como a citada “boa distância” pode ser lida no sentido de uma resistência Imaginária contra o Real que, enquanto produto de uma análise, funda a clínica psicanalítica. Sistema notavelmente representado pelo experimento óptico do buquê invertido apresentado por Lacan (2009) e pelas produções de anamorfose.

Agora já é possível estabelecer a definição lacaniana mais geral a propósito do artifício do ato de sublimar, para que em seguida desenvolvamos as consequências teóricas e as relações estabelecidas com outros fenômenos. Em suma, sua fórmula é: “[...] ela eleva um objeto [...] à dignidade da Coisa” (LACAN, 2008, p. 137). Esta pequena fórmula, talvez justamente por sua falta de delimitação precisa, é capaz de solucionar algumas questões produzidas pelas formulações freudianas e, ao mesmo tempo, criar um novo espaço para a especulação teórica psicanalítica. Acima de tudo, ela atende à condição de um conceito metapsicológico viável ao romper com a ideia da existência de uma cadeia de satisfações possíveis a partir de objetos naturais que poderiam ser classificados como sublimes ou terrenos. Assim, essa categorização errônea somente pode advir embasada em uma preconceção moral e vai em direção contrária a qualquer noção da natureza da pulsão, uma vez que libido dessexualizada não é um oxímoro profícuo entre psicanalistas. Em síntese, na conceitualização lacaniana de sublimação, tanto a mulher quanto Deus ou o saber científico podem ser meros objetos de *um* superinvestimento narcísico (Idealização) ou a Coisa que sustenta o lugar vazio (Sublimação).

Em comparação com a metapsicologia freudiana, a sublimação lacaniana atende igualmente a exigência de maior propriedade do conceito no interior de um referencial teórico pautado na questão da satisfação e da “natureza” daquilo que se denomina pulsional. Nesta perspectiva, ela é capaz de corresponder às coordenadas freudianas de mudança do alvo, mudança do objeto e a disparidade com a idealização. Na sublimação lacaniana a rede dos *Ziele* (alvos) pulsionais (a satisfação) não *consume* o objeto, ela apenas o *cinge*. Isto é uma distinção sutil que promove a teorização em uma lógica orientada num curso que passa pela Dama do amor cortês, pelo vazio da coisa heideggeriana, torna-se um recurso de análise clínica e estética, mas se encerra por volta de 1964, quando Lacan conceitua a pulsão como *contornando* o objeto *sempre*. Sobre o objeto e a idealização problematizados por Freud, Lacan resolve a questão remetendo um ao outro, isto é, a diferença entre idealização e sublimação se fundamenta a partir daquilo que é oferecido à satisfação da pulsão, neste caso, a diferença entre o objeto e a Coisa, considerando o objeto como uma projeção narcísica que engendra prazer e a Coisa como impossível de representar, além de excluída de qualquer possibilidade de avaliação de nível de apetência. Ou como ele determina: “Entre o objeto, tal como é estruturado pela relação narcísica, e *das Ding* há uma diferença, e é justamente na vertente dessa diferença que se situa, para nós, o problema da sublimação” (LACAN, 2008, p. 121-122). Este contraste entre o objeto narcísico e a alteridade da Coisa que sustenta a caracterização da sublimação em Lacan durante o seminário sobre a ética da psicanálise não é uma distinção qualitativa entre objetos, e sim uma distinção na forma pela qual ocorre o *encontro* com o objeto, e por isso existe a perspectiva de qualquer objeto suportar ser sublimado.

LITERATURA DE CORTE

Lacan (2008) se remete a uma nota de Freud que consta em seus *Três Ensaio*s na qual ele aponta uma mudança na maneira de amar da civilização, segundo esta hipótese os “antigos” amavam a própria tendência do afeto, enquanto os modernos amam o objeto e a exaltação de suas qualidades. No intuito de esclarecer o que há de verdadeiro nesta generalização de Freud sobre a forma de encaminhamento da tendência afetiva ao amor e sua relação com a sublimação, Lacan demonstra a existência de uma mudança histórica de conse-

ARTIGO

quências enormes na vida cotidiana e na forma de amar, provocada por realizações artísticas de caráter estritamente sublimatório da literatura de onde hoje se localizam França e Alemanha, durante o fim do século XI até o início do século XIII, nomeadamente, a literatura de *corte* do amor *cortês*.

Durante o século XI ocorrem algumas mudanças nas sociedades feudais europeias que transformam irremediavelmente a vida dos nobres e das famílias reais, justamente aqueles que consumiram e produziram a literatura do amor cortês. Como destaca Lucero (2011), até então o nobre da sociedade feudal era um guerreiro sustentado pelo trabalho de outros no campo e nas oficinas, e a guerra, além de ser a atividade primária e fonte de lucros, completava juntamente com a caça e os torneios (jogos pagãos) sua lista de afazeres. Alguns fenômenos merecem destaque quando se pensa as mudanças que ocasionaram o surgimento do paradigma do amor cortês: os códigos de conduta que eram aplicados durante as reuniões na corte; a intervenção da Igreja nas guerras transformando os guerreiros em serventes de Deus, o que significava que guerreariam deste momento em diante nas Cruzadas e não mais entre si; o Catarismo, fenômeno religioso que pregava a malignidade dos prazeres da carne, mesmo no casamento; e, por fim, a separação entre a descrição minimamente factual da história e a poesia fantasiosa por consequência do abandono do estilo épico (LUCERO, 2011). Todo este ambiente permite entrever como o amor cortês dos trovadores franceses e do *Minnesang* alemão foi capaz de surgir, ainda que a estranheza desse aparecimento tenha feito com que Lacan e outros estudiosos tenham escrito sobre o tema. Portanto, a questão persiste: Como foi que uma literatura apresentou a *dama* como um objeto perfeito e intocável em um momento histórico em que as mulheres serviam apenas como empregadas ou como objetos de satisfação sexual e estético?

Portanto, para Lacan (2008), o amor cortês é um marcante paradigma da sublimação, ainda que não seja o único, já que neste movimento estético a dama foi elevada à dignidade de Coisa, ou seja, ela passou de uma relação estabelecida no nível dos objetos de satisfação narcísicos a uma espécie de relação em que o objeto é pura alteridade, inatingível e como não integrante da série metonímica dos outros objetos, neste caso, as outras mulheres. Neste trecho de *Vida Nova* de Dante Alighieri, que, como sinaliza Décio Pignatari (1990), é um texto que se posiciona como amor cortês, percebe-se a intocabilidade e perfeição da dama, amada incondicionalmente mesmo que ela e o seu admirador se relacionem com diferentes parceiros afetivamente, mas não entre si:

Nos olhos traz o Amor a minha dama/e tudo o que ela olha se enobrece./
Todos se voltam para vê-la – e aquece/os corações, do seu aceno, a chama./
Baixando os olhos, cada qual proclama/suas culpas, num silêncio de prece/e
todo mal de odiar desaparece:/Moças, me ajudem a cantar sua fama./
Tudo o que é doce, humilde, simples, vivo,/brota no coração de quem a escuta,/
pois que, antes de ouvi-la, a viu, feliz./Basta um sorriso: o coração cativo/
não sabe mais o que a mente perscruta,/pois tudo o que a supera ela não diz. (ALIGHIERI, 1990, p. 42).

Torna-se igualmente patente como esta distinta sublimação atinge um identificável patamar histórico e cultural à medida que ela se converte em um modelo ideal de amor, que é citado por Lacan como o marco daquilo que Freud indicou ser uma mudança na forma de amar, caracterizada por uma substituição no valor fornecido à tendência e ao objeto.

HEIDEGGER E A COISA

Outro dos escritos de referência para Lacan pensar a Coisa e a sublimação durante *O Seminário livro 7* é o texto de Martin Heidegger *A Coisa*. Neste texto Heidegger deseja, além de refletir sobre a ciência e o espaço, pensar a coisa como coisa, isto é, não se ater às causas e finalidades das coisas, mas pensar a coisa em seu modo de ser coisa. Para este propósito ele compara a coisa com uma jarra: “Coisa é uma jarra. Que é uma jarra? – Nós dizemos: um receptáculo, algo que recebe outro dentro de si, um recipiente” (HEIDEGGER, 2002, p. 144). Sobre a jarra e a coisa, que são os aspectos do nosso interesse neste momento, Heidegger (2002) descreve que a jarra se distingue de um objeto qualquer porque é receptáculo, isto é, um objeto subsiste à medida que se opõe a um sujeito, enquanto a jarra é capaz de subsistir por si mesma, pois ela é capaz de ser a subsistência do subsistente que ela abriga no seu vazio recipiente. Neste sentido, o que garante a coisalidade da coisa-jarra não são suas paredes e fundo que impermeiam aquilo que vaza para dentro, e sim seu vazio, que permite um recipiente que a qualifica como receptáculo. Esta perspectiva está presente na constituição da jarra desde sua criação, pois ela precisa ser moldada desde um vazio central, ou como ele expõe: “O ser coisa do receptáculo não reside, de forma alguma, na matéria, de que consta, mas no vazio, que recebe.” (HEIDEGGER, 2002, p. 147). Entretanto, uma nova perspectiva se abre na reflexão sobre a jarra e a coisa no momento em que Heidegger (2002) pontua que a jarra ainda detém a perspectiva de, além de colher e reter o recebido, escolher doar ou não o que lhe foi depositado. E é neste ponto que ele elabora uma interpretação em torno desta capacidade da jarra de acolher em si uma união entre os mortais e imortais, esta disposição que a jarra contém de transformar o líquido que retém em bebida ou em oferenda, respectivamente.

O vaso³ que Heidegger utiliza como modelo da Coisa, logo, contém uma relação clara com a forma pela qual Freud havia designado a Coisa no projeto de 1895, enquanto lugar vazio do sujeito no qual os juízos sobre os objetos podem ser desenvolvidos, relação que, inclusive, se aproxima com a concepção lacaniana de significante como aquilo que faz furo no Real. Em todos os três casos é um vazio essencial que permite a perspectiva de preenchê-lo. Por conseguinte, neste momento do ensino de Lacan, a sublimação sempre se estabelece segundo um posicionamento diante de um vazio ou do vazio (Coisa), algo que até mesmo se utiliza como parâmetro de determinação do que constitui o ato de criar, o ato de fazer sobre o nada, isto é, representar a Coisa, ou mais especificamente: “será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada senão por outra coisa” (LACAN, 2008, p. 158).

A SUBLIMAÇÃO, O SOCIAL E OUTRAS DIGRESSÕES

Além de todas essas questões metapsicológicas e conceituais, a sublimação apresenta outra aporia, a saber, seu elo com o social. Conjeturar sobre isto pode colocar os psicanalistas em uma posição desconfortável, especialmente caso a definição sobre a sublimação exija estabelecer delimitações que dependam da relação do sujeito com a comunidade de sua época, ou seja, conceituar o que compreende o ato sublimatório não exclusivamente a partir de concepções psicológicas subjetivistas e estruturais, demandando a discussão sobre as contingências culturais de um dado momento histórico. Como aponta Lacan (2008), algo abominado inclusive por um dos psicanalistas (Bernfeld) que ele utiliza como referência em seu seminário.

ARTIGO

Para Lacan (2008), mais que utilidade, a grande característica de qualquer sublimação que se deseja coletiva é a de ser apta a engodar a falta de sujeitos. Desse modo, a sublimação reconhecida por uma sociedade é aquela que *sujeita* a Coisa através de formações imaginárias que passam a sustentar uma fantasia que, em certo sentido, completa a realidade, que é sempre inacabada enquanto existe desejo. Sendo assim, como ele afirma, principalmente no que se refere às artes, não existe sublimação que não seja historicamente datável, o que já nos apresenta novas aporias, visto que uma sublimação artística coletivamente apreciada precisa, usualmente, primeiro romper com os esquemas lógicos reinantes da época, sejam eles políticos, morais, epistemológicos ou estéticos, para que em seguida seja feita uma espécie de reconhecimento pelo Outro que atesta a genuinidade do ato, apesar do rompimento inicial. Não obstante, Lacan evitará os caminhos dos textos freudianos que conectam a sublimação às satisfações providas da admiração social e outros prazeres correlatos, e insistirá na leitura da sublimação socialmente bem-sucedida na forma de ocupação de um lugar: “O que deve ser justificado não são simplesmente os benefícios secundários que os indivíduos podem extrair de suas produções, mas a possibilidade original de uma função como a função poética num consenso social em estado de estrutura” (LACAN, 2008, p. 176).

Lacan (2008) ainda elabora uma explicação histórica sobre o surgimento da técnica de anamorfose, que tendo em conta seu esquema sobre a sublimação, apresenta a maneira pela qual sua conceituação possibilita um meio de avaliação estético, talvez dialético, de alto valor filosófico. Deste modo, segundo o psicanalista francês, compreende-se que a arquitetura mais primitiva seria a aparição mais direta desta organização que se faz em torno de um vazio e, em seguida, as pinturas repetem o ato arquitetônico, isto é, dão forma ao vazio, novamente suprimindo-o e o tornando presente. Conforme a pintura aperfeiçoa seus modos de conceder forma ao vazio por intermédio das técnicas de perspectiva, a arquitetura se aproveita desta técnica da pintura, que inicialmente tinha como intuito reproduzi-la, para que ela mesma seja capaz de novamente demarcar o vazio. Como exemplo, ele cita a arquitetura neoclássica e, em especial, a de Andrea Palladio (1508-1580). Enfim, é por esta linha de análise que Lacan irá introduzir a técnica da anamorfose como mais uma das tentativas de “jogar” com o vazio. Na arte, como o autor afirma, as imagens anamórficas são capazes de fazer surgir uma coisa em lugar nenhum, isto é, fazer surgir a coisa no lugar da Coisa.

Ainda acerca da relação entre laço social e sublimação, Lacan articula a relação entre os mecanismos das estruturas psíquicas e as formações sublimatórias coletivas, tendo em consideração o vazio que motiva o ato, ou seja, a Coisa. Essa articulação se origina de indicações de Sigmund Freud, como, por exemplo, a que ele faz em *Totem e Tabu*: “Pode-se arriscar a afirmação de que uma histeria é uma caricatura de uma obra de arte, uma neurose obsessiva, a caricatura de uma religião, e um delírio paranoico, de um sistema filosófico” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 120). Dessa maneira, a arte compreendida pela óptica da sublimação é o *contorno* do vazio, a religião é *respeito* diante do vazio e a ciência (enquanto discurso hegemônico do saber) é *rejeição* do vazio; esses três atos coletivos perante a Coisa também podem ser lidos pela perspectiva freudiana, isto é, paralelamente aos mecanismos de formação psíquica, respectivamente: a *Verdrängung* (recalque), a *Verschiebung* (deslocamento) e a *Verwerfung* (foraclusão) (LACAN, 2008). Se considerarmos até as últimas consequências este vínculo estabelecido entre os mecanismos psíquicos e as formações sublimatórias coletivas, novamente a psicanálise demonstra a conti-

nuidade ininterrupta existente entre as formações psíquicas “normais”, as “patológicas” e as coletivas.

Durante o seminário, Lacan (2008) demonstra um exemplo de sublimação (de acordo com ele um apólogo) que ilustra sua definição e que ao mesmo tempo demonstra como a sublimação poderia acontecer sem a aprovação e admiração social. Segundo ele, um amigo (Jacques Prévert) possuía uma grandiosa coleção de caixas de fósforos idênticas dispostas umas dentro das outras a partir da abertura das gavetas interiores. Seguindo as pistas sobre o ato sublimatório, pode-se dizer que as caixas foram sublimadas, isto é, passaram de um estado de mera coisa de utilidade diária para uma Coisa supérflua, abundante, sem sentido, vazia. Apesar do exemplo parecer singelo, trata-se de um caso de sublimação em que não há admiração social, ganhos econômicos ou satisfação idealizada, mas somente satisfação pulsional mediante a exibição da Coisa. Um exemplo de sublimação de difícil consideração se fizéssemos uso unicamente das categorias que os psicanalistas geralmente se utilizam para se referir à sublimação.

Além deste tópico acerca do laço social, a outra grande questão sobre a satisfação sublimatória é sua conexão ou rompimento com a sexualidade, uma interrogação renovada com a afirmação pontual de Lacan:

A sublimação não é, com efeito, o que um zé-povinho acha e nem sempre se exerce obrigatoriamente no sentido do sublime. A mudança de objeto não faz desaparecer forçosamente, bem longe disso, o objeto sexual – o objeto sexual, ressaltado como tal, pode vir à luz na sublimação. O jogo sexual mais cru pode ser objeto de uma poesia sem que esta perca, no entanto, uma visada sublimadora. (LACAN, 2008, p. 194).

Logo, a sublimação não se constitui como um necessário afastamento dos temas sexuais. Assim, a distinção na satisfação pulsional entre sublimação e as outras satisfações, sintomáticas ou não, precisa ser desenvolvida metapsicologicamente, tendo em vista uma análise que só pode ser feita singularmente, pois, do contrário, recusa-se de modo nada democrático, por exemplo, toda a literatura libertina e muitas outras obras românticas como se elas fossem algo que não se classifica como arte ou não fossem sublimes no sentido em que as outras produções coletivas são. Além disso, pode-se ainda sustentar o avesso lógico desta proposição como verdadeiro, ou seja, o *erotismo* igualmente é sublimação da pulsão. Por esta linha de reflexão, resgatando como premissa as últimas descrições elaboradas a respeito dos trios de mecanismos psíquicos, estruturas clínicas e posições diante do vazio, podemos arriscar propor que o erótico *re-vela* a Coisa e seu mecanismo poderia ser a *Verneinung* (negação) ou a *Verleugnung* (renegação), discriminação que só poderá ser efetuada em outro momento em que haja espaço para desenvolver concepções rigorosas sobre realidade, realidade psíquica, o Real e a relação sexual.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Quanto mais se tenta distinguir conceitualmente a sublimação na psicanálise, mais se percebe que tal ofício requer tratar as concepções mais centrais do corpo teórico psicanalítico. Com Sigmund Freud é evidente que toda sua compreensão psicológica avança por meio de constantes indagações sobre as possíveis e impossíveis formas de satisfação pulsional e suas infundáveis relações com a cultura: a proibição edipiana, o mal-estar na civilização, as perversões

sões, as realizações de desejo em sonhos, o labor artístico... Na obra de Jacques Lacan constata-se que sua elaboração teórica sobre a sublimação fundamentada no conceito de Coisa é o aporte inconfundível de diversos outros conceitos e reflexões, dentre elas o objeto *a* e a descrição do funcionamento da pulsão. Além dessas duas concepções há também uma relação direta entre sua problematização acerca da sublimação e o que os lacanianos hoje reconhecem como a não existência da relação sexual, algo manifesto neste trecho do *Seminário Livro 11*:

A sublimação não é menos a satisfação da pulsão, e isto sem recalçamento. Em outros termos – por enquanto, eu não estou trepando, eu lhes falo, muito bem!, eu posso ter a mesma satisfação que teria se eu estivesse trepando. É isto que quer dizer. É isto que coloca, aliás, a questão de saber se efetivamente eu trepo. Entre estes dois termos, estabelece-se numa extrema antinomia que nos lembra que o uso da função da pulsão não tem para nós outro valor senão o de pôr em questão o que é da satisfação. (LACAN, 2008, p. 163-164).

Existe ainda mais um tema de consequências filosóficas especulativas extensas que desponta deste desenvolvimento conceitual da sublimação durante o Seminário VII, a saber, os primeiros indícios do par estabelecido por Lacan de Kant com Sade. Lacan (2008) cita uma passagem do texto de Kant sobre a Razão Prática para insinuar a relação existente entre o desejo sublimado e o perverso, com o propósito de demonstrar dois modos de transgressão do princípio do prazer, o que significa para ele, neste momento, apresentar duas possibilidades de fundamentação de uma moralidade que confronta o princípio de realidade por outros meios que não um bem pragmático que se limita a buscar prazer e fugir do desprazer. Neste fragmento, o filósofo Immanuel Kant deseja demonstrar, por meio de um exemplo hipotético, a forma pela qual a liberdade e todos seus embaraços só podem surgir diante da postulação de uma moral. Isto é, sem a imposição de um dever, o homem, abandonado à sua própria natureza, desconhece a liberdade, pois vive inteiramente determinado causalmente pelos seus apetites. Como ele apresenta:

Supondo que alguém alegue que sua voluptuosa inclinação seja-lhe totalmente irresistível no momento em que o objeto querido e a ocasião correspondente lhe ocorram, perguntar-lhe se, no caso em que se erguesse perante a casa em que ele encontra essa ocasião uma força para suspendê-lo logo após a gozada volúpia, ele então não dominaria sua inclinação. Não se precisa de muito tempo para adivinhar o que ele responderia. Perguntai-lhe, porém, se, no caso em que seu governante sob a ameaça da mesma inadiada pena de morte lhe exigisse prestar um falso testemunho contra um homem honrado, que ele sob pretextos especiosos gostaria de arruinar, se ele então, por maior que possa ser seu amor à vida, considera possível vencê-lo. Se ele o faria ou não, talvez ele não se atreva a assegurar-lo; mas que isso lhe seja possível, tem que admiti-lo sem hesitação. (KANT, 2003, p. 103).

Comentando sobre este trecho, Lacan (2008) indica duas situações, a saber, a sublimação e a perversão⁴, em que o sujeito do primeiro suplício seja capaz de deliberar sobre a possibilidade de vir a se candidatar como participante. É importante precisar que somente a reflexão acerca do ato já garante o *status*

de condição de liberdade segundo a teoria kantiana, sendo desnecessário que o sujeito chegue às vias de fato. Na primeira circunstância (sublimatória) o sujeito supervaloriza o objeto de investimento libidinal de maneira muito mais intensa que seu próprio “eu”, assim como na exaltação da Dama na literatura do amor cortês; já na segunda possibilidade (perversa), Lacan (2008) indica que é possível conceber alguém que também pondere se oferecer ao suplício caso lhe seja concedido cometer algum crime hediondo com seu objeto de desejo. Para confirmar esta tese, ele indica que sejam consultados os anais de crimes passionais em qualquer delegacia. Portanto, na condição de submissão sob um desejo sublimado, pervertido (no sentido de hediondo), ou moral (o exemplo do falso testemunho kantiano), existe a chance de transgressão do princípio do prazer, ou seja, um ato que supostamente engendra a liberdade diante do princípio de realidade. Nesse sentido, um executor sádico ou um herói sublime podem ser considerados como sujeitos que kantianamente exercem a liberdade.

Em suma, uma demonstração de toda a extensão dos significados que o conceito adquire na teoria lacaniana exigiria um cotejo com todos os seminários e textos posteriores, o que absolutamente exporia diferenças notáveis com a forma pela qual a sublimação é desenvolvida no Seminário VII. Entretanto, nada impede que se utilize dos elementos encontrados até o momento para que se proponha uma prática clínica que aplique a categoria metapsicológica da sublimação. Isto posto, sugere-se que se evite a oposição teórica entre a pulsão sublimada e certa pretensa satisfação mundana da pulsão, substituindo esta dicotomia por uma oposição que se suceda entre o sublime e o sintomático. Em termos ético-psicanalíticos, sublimar a pulsão é sacrificar a satisfação em troca de uma exposição da falta, ao invés do usual sacrifício do desejo em troca de uma satisfação garantida carregada de culpa.

Outro fato constantemente manifesto durante a apreciação dos textos é a ruptura de Lacan com Freud no que se refere à sublimação. Em meio aos confrontos entre as diferentes vertentes que se formaram da psicanálise e as diferentes escolas de mesma vertente, algo que pode elucidar algumas discussões é a correta delimitação do que determinado autor defendeu em sua época, o que, no caso apresentado, se trata de não confundir a sublimação apresentada por Lacan com aquilo que Freud contraditoriamente defendia. Talvez este seja um ótimo exemplo de uma crítica de Lacan dirigida a Freud que usualmente se esconde sob o eufemismo de crítica aos “pós-freudianos”.

NOTAS

1. FREUD, S. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, S. Obras completas volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Tradução e notas: Paulo César de Souza.
2. Optou-se por modificar a tradução de Paulo César de Souza com o intuito de adequar-se às discussões da psicanálise lacaniana. Portanto, verteu-se para “pulsão” o termo alemão “Trieb”, ao invés de “instinto” como propõe o tradutor.
3. Tradução utilizada no Seminário de Lacan, refere-se ao termo “jarra” que foi utilizado na tradução do ensaio de Heidegger.
4. As tentativas de definição da sublimação e da perversão da pulsão são extremamente semelhantes quando se considera estes atos como essencialmente sendo uma elevação do objeto a representante da tensão existente entre o universo fantasmático do desejo e a realidade empírica. Formidáveis considerações sobre este aspecto podem ser encontradas em: SAFATLE, Vladimir. A paixão do negativo: Lacan e a dialética. São Paulo: Unesp, 2006.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, D. Vida nova. In: PIGNATARI, D. (comp.). **Retrato do amor quando jovem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FREUD, S. Entwurf einer Psychologie (1895). In: GABBI JUNIOR, O.F. **Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- _____. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber" 1911). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Princípios básicos da psicanálise (1913). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Recomendações ao médico que pratica psicanálise (1912). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Os instintos e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. História de uma neurose infantil (O homem dos lobos 1918). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 14: História de uma neurose infantil (O homem dos lobos), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 18: mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 18: mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. Totem e tabu (1912-1913). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos", 1909]. In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909 -1910). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. Cinco lições de psicanálise (1910). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909 -1910). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1910). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909 -1910). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, S. **Obras Completas** volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). FREUD, S. **Obras Completas** volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GABBI JUNIOR, O.F. **Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GARCIA-ROZA, L.A. **Introdução à metapsicologia freudiana 3: artigos de metapsicologia (1914-1917): narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KAUFMANN, P. (ed.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. **O seminário: livro 7 A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **O seminário: livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **O seminário: livro 1 Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LUCERO, A. Amor cortês e sublimação em Jacques Lacan. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v. 1, n. 10, p. 179-188, abr. 2011. Disponível em: <http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_10/Pag_179_Amor_Cortes_E_Sublimacao.pdf>. Acesso em: 4 maio 2015.

PIGNATARI, D. (comp.). **Retrato do amor quando jovem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAFATLE, V. **A paixão do negativo: Lacan e a dialética**. São Paulo: Unesp, 2006.